

## Colonialismo, independência e revolução em Frantz Fanon

*Danilo Ferreira da Fonseca<sup>1</sup>*

**Resumo:** Os processos de independências do continente africano e asiático produziram também uma série de intelectuais ativistas para problematizar a temporalidade em que viviam. Entre estes intelectuais está Frantz Fanon que refletiu acerca da natureza do sistema colonial do século XX e os diferentes modos para superá-lo. Neste sentido, o presente artigo busca elaborar conceitos chaves de Fanon, principalmente colonialismo, independência e revolução, obtendo assim, um maior entendimento de um dos mais importantes intelectuais africanos.

**Palavras Chave:** Colonialismo; Independência; Frantz Fanon.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e Doutor em História pela PUC São Paulo.

A crescente exploração e violência do imperialismo europeu na territorialidade africana no decorrer da primeira metade do século XX fez com que a população nativa africana – seja na África negra ou árabe – começasse cada vez mais a se mobilizar contra essa forma de barbárie.

Estas mobilizações se deram das mais variadas formas, passando não só pela a ação prática da política (seja ela tradicional ou até na guerrilha), mas também pela reflexão e problematização intelectual com o intuito de discutir a dominação estrangeira a qual estavam sujeitos. Mas, no continente africano, diante das condições históricas postas, a integração e troca entre a reflexão intelectual e a prática foram construídas quase que de uma maneira indissociável.

Assim, torna-se inevitável (mesmo com a dura e cruel repressão e perseguição dos agentes coloniais) um debate social acerca da natureza do colonialismo que assolava a todos os países africanos, na mesma medida em que também emerge uma problematização prática e teórica da superação de tal condição de dominação e no modo que a luta contra a metrópole deveria ser conduzida com o propósito de se construir um projeto de independência que condissesse com as características e particularidades locais.

As lutas de diferentes grupos políticos e sociais na busca por estas independências se proliferaram a partir de 1950, se organizando não apenas de um modo prático, como nas organizações armadas guerrilheiras ou em mobilizações políticas em órgãos internacionais como a ONU, mas também a partir de uma ampla e inovadora problematização teórica de seus próprios sujeitos em luta, de modo que esta luta e a teoria social se tornassem algo único, com intelectuais participando ativamente da formulação teórica da sociedade, assim como da estrutura das organizações políticas que formulavam os projetos de independência.<sup>2</sup>

Neste contexto, o marxismo se demonstrou como uma rica base teórica e prática para a problematização e superação da dominação colonial e também para a instituição de uma nova sociedade livre não só da dominação colonial, mas também de uma dominação capitalista que sustentava a exploração de tais sociedades, sendo proposto assim, não apenas uma simples independência da política, mas também social e produtiva.

---

<sup>2</sup> Os processos de independência na África começaram a partir do final da década de 1950. Já na década de 1960 grande parte do continente africano já havia declarado a sua independência, com exceção das colônias portuguesas.

Dentro deste contexto, podemos destacar Frantz Omar Fanon (1925 – 1961) como um dos mais importantes intelectuais e ativistas políticos que participaram ativamente da construção de uma nova sociedade, assim como também teorizou a experiência do homem colonizado a partir de um aparato marxista.

A obra de Fanon, ao trazer um entendimento da relação imperialista e do colonialismo entre a Europa e a África a partir da perspectiva do homem colonizado, e não apenas dos próprios propósitos das potências capitalistas, constrói uma percepção da colonização vista de baixo, desnudando uma das páginas mais bárbaras da história, mas que, conforme ele próprio aponta, era falsamente transvestida com o humanismo europeu.

Neste sentido a obra de Frantz Fanon se faz fundamental para compreendermos essa relação de dominação, conforme Sartre aponta no prefácio da obra de Fanon, *Os condenados da Terra* (1961):

Tenham a coragem de ler este livro. Primeiro, pela razão de que lhes dará vergonha, e a vergonha, como disse Marx, é um sentimento revolucionário. Vejam: eu também não posso desprender-me da ilusão subjetiva. Eu também lhes digo: “tudo está perdido, a menos que...”, eu roubo o livro do inimigo e faço dele um meio de curar a Europa. Aproveitem.<sup>3</sup>

Com tal perspectiva, a leitura de Fanon se torna ainda mais dimensionada, na medida em que o mundo contemporâneo sofre um constante processo de avanço e dominação das potências capitalistas.

Porém, apesar da importância e do choque que Fanon causou durante a década de 1960 no mundo colonial e na Europa, no contexto brasileiro, suas obras passaram a ser mais valorizadas apenas num período mais recente.

Segundo Antônio Guimarães<sup>4</sup> (2008), a receptividade que Fanon obteve por intelectuais brasileiros na década de 1960 foi relativamente morna, tendo em vista, principalmente, o modo que a esquerda brasileira se articulava na época, assim como as camuflagens e as diferenças dos conflitos raciais no Brasil e o modo que esta temática era ainda marginalizada nas universidades brasileiras.

---

<sup>3</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Prefácio*, in: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P. 30-31.

<sup>4</sup> GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *A recepção de Fanon no Brasil e a Identidade Negra*. Novos Estudos – CEBRAP. 2008, n° 81, PP 99-114.

Fanon passou a ser mais utilizado no Brasil, segundo Mário Silva<sup>5</sup>, a partir de 1980, principalmente voltado para questões que envolviam do ativismo político e cultural do negro brasileiro. Mesmo com o desenvolvimento resultante de tal inserção tardia, o debate acerca de Fanon dentro da academia brasileira ainda carece de um maior cuidado.

Todavia, o debate que envolve Frantz Fanon em outras territorialidades se demonstra muito mais rico, apresentando múltiplas apropriações que envolvem as reflexões de Fanon. Conforme Antony Alessandrini<sup>6</sup> aponta, existe toda uma variedade teórica, metodológica e política acerca de Fanon, muitas das quais são incongruentes, o que possibilitou debates que chegam a apenas valorizar e apontar as limitações de Fanon, ou outros que buscam deixar clara a importância de seu legado e buscam até ampliar as reflexões que foram propostas por Fanon.

Já após a precoce morte de Fanon, o debate acerca de sua obra se inicia, muito devido ao seu engajamento com o marxismo revolucionário, assim como a sua própria revisão sobre a estrutura de classes no mundo colonial e o potencial revolucionário dos trabalhadores rurais junto dos proletários nas Colônias. Mas um ponto central de sua reflexão que vai causar todo um debate particular é o seu posicionamento acerca da violência, conforme veremos mais adiante.

Porém, se na década de 1960, com revoluções ocorrendo pela periferia do mundo, Fanon se tornou uma referência teórica e prática, na década de 1970, as reflexões que envolvem Fanon se tornaram mais biográficas, conforme é apontado por Alessandrini, destacando-se deste período, obras como a de David Caule (1970) e Peter Geismar (1971).

A inserção de Fanon no mundo acadêmico vai se aprofundar no final da década de 1970, principalmente por via da Ciência Política, tendo como grande destaque da época as obras de Hussein Adam e Renata Zahar. Porém, é na década de 1980, com a ampliação dos estudos pós-coloniais, e com figuras como Edward Said e Homi Bhabha, que Fanon vira uma grande referência intelectual para a compreensão do mundo colonial.

Porém, as apropriações realizadas acerca da obra de Frantz Fanon, conforme já afirmamos, são múltiplas e muitas vezes acabam por subsumir as perspectivas do

---

<sup>5</sup> SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *Fanon e o ativismo político-cultural negro no Brasil: 1960/1980*. Estudos Históricos (Rio de Janeiro). 2013, vol26, nº 52, PP 369-390.

<sup>6</sup> ALESSANDRINI, Anthony C. *Frantz Fanon: Critical Perspectives*. Londres. Routledge, 1999.

intelectual, realizando, em alguns momentos, ampliações não condizentes com os propósitos de Fanon.

Deste modo, diante da multiplicidade de apropriações de Fanon, o presente artigo pretende debater categorias fundamentais da obra de Fanon e que são pontos centrais para o entendimento de sua teoria e prática. São elas: o Colonialismo; a Independência; e a Revolução.

O *colonialismo* se torna fundamental na construção teórica de Frantz Fanon devido à própria inserção de dominação do colonialismo imperialista o qual a sua sociedade estava mergulhada, sendo esta dominação de extrema violência. Com isso, a reflexão e luta por um processo de *Independência* se torna inerente dentro de suas reflexões, já que a questão prática imediata era como se livrar, em todos os sentidos, da dominação colonialista e construir o seu próprio país.

A influência de um referencial teórico marxista traz a percepção para o autor que a sua luta vai além de um processo de independência, fazendo parte também de um processo revolucionário, em que o produto desta luta é a *Revolução* e a construção de uma sociedade socialista.

Frantz Fanon, nascido na ilha caribenha da Martinica, ainda num contexto de dominação colonial francesa, foi um intelectual que participou ativamente da luta de libertação e independência da Argélia frente à França, apoiando a Frente de Libertação Nacional (FLN).

Porém, a sua trajetória até a sua entrada na FLN na Argélia foi bastante significativa para a sua adesão a tal movimento e a sua própria maturação intelectual, já que Fanon adquiriu uma primeira formação teórica e política na própria Martinica e baseada em questões mais focadas na *Negritude* formulada por Césaire.<sup>7</sup>

Com a sua formação acadêmica na área de medicina psiquiátrica na França e o seu trabalho no Hospital Psiquiátrico do Exército Francês na Argélia é que Fanon começa a entrar mais em contato com as condições de vida e exploração da população argelina colonizada.

---

<sup>7</sup> Aimé Césaire foi um dos grandes fundadores da negritude, construindo uma concepção de unidade entre a população negra global no continente africano.

Desta forma, Fanon se aproxima de uma trajetória intelectual marxista, ainda mais ao entrar em contato com Sartre,<sup>8</sup> e problematizando principalmente o processo de dominação entre o colonizador e o colonizado, assim como a estrutura de dominação colonial que, para o autor, busca uma constante inferiorização do colonizado a partir de brutal violência.

Para entendermos melhor no presente artigo as percepções de Fanon, foi necessário analisar a sua principal obra publicada em vida: *Os condenados da terra* de 1961, em que Fanon vai explicitar com mais clareza a sua concepção acerca da colonização e descolonização. Além desta obra, Fanon também publicou *Peles negras, máscaras brancas*<sup>9</sup> de 1952, onde o autor, ainda com uma influência da negritude e de sua recente formação em psiquiatria, busca problematizar como e por que a população negra se posiciona socialmente a partir de uma série de conceitos e práticas da população branca; *Ano V da Revolução Argelina* de 1959, em Fanon traz uma série de reflexões teóricas e práticas da experiência do povo argelino após o início da luta pela independência em 1955.

A morte precoce de Fanon, vítima de Leucemia aos 36 anos em dezembro de 1961, fez com que sua trajetória intelectual e política não fossem completas, mas em 1964, sua última obra *A revolução Africana* é publicada postumamente mesmo incompleta.

### **Colonialismo: um mundo cindido.**

*“Desde o seu nascimento, está claro para ele [o colonizado] que esse mundo encolhido, semeado de interdições, só pode ser questionado pela violência absoluta”<sup>10</sup>*

Em sua obra *Os condenados da Terra*, Fanon constrói uma perspectiva única acerca do processo colonial do continente africano (mas que também pode ajudar na reflexão da colonização da Ásia e ainda da América), para tal atribui a *Violência* o papel central para se entender colonização. Deste modo, a *Violência* se torna a sua chave analítica na elaboração de suas argumentações acerca do Colonialismo. Não existe um sistema

---

<sup>8</sup> Sartre possuía um engajamento pessoal na crítica contra o processo de colonização, escrevendo constantes artigos criticando a forma que o sistema colonial funcionava, principalmente a sua brutal repressão.

<sup>9</sup> FANON, Frantz, *Peles Negras Máscaras Brancas*. Salvador, EDUFBA. 2008

<sup>10</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 53.

colonial que não seja violento e que tenha as suas relações coloniais mediadas principalmente pela violência do colono.

A violência já surge, e é essencialmente dada, a partir de um confronto entre o “*homem de fora*” e o “*homem de dentro*”, já que o primeiro possui o intuito de dominar, explorar e destruir a vida daqueles que vivem na região pretendida, ou melhor, na região a ser colonizada. Este primeiro confronto violento, vai instituir a figura de “*dois velhos conhecidos*”, o Colono e o Colonizado, em que o Colono vai possuir como fator primordial de sua existência retirar bens (os quais ele se apropria) da Colônia, enquanto que cabe ao colonizado apenas trabalhar para o Colono.

A perspectiva de uma cisão racializada entre o homem branco e o homem negro já se fazia presente em Fanon em obras anteriores à *Os condenados da Terra*, principalmente, em *Peles negras, máscaras brancas*. Mesmo realizando uma problemática próxima, se perguntando acerca dos motivos que sustentam uma dominação racial, Fanon possui um diagnóstico distinto (mas possivelmente complementar), já que em *Peles negras, máscaras brancas*, o autor considera que essa cisão não possui como sustentáculo a violência, mas sim a interiorização da inferioridade pelo homem negro, ou, nas palavras do próprio Fanon: “*Se existe um complexo de inferioridade, ele é o resultado de um processo duplo: Primeiramente, econômico; Subsequentemente, a internalização – ou, melhor, o epidermalização – desta inferioridade*”.<sup>11</sup>

É evidente que essa inferiorização, seja pela violência do Colono ou não, seria o que sustenta um sistema essencialmente desumano. Apesar de ser um sistema bárbaro e violento, este confronto acaba gerando o que Fanon aponta como uma suposta “*coabitação*” entre estas partes, mas que seria “*mais precisamente a exploração do colonizado pelo Colono*”.<sup>12</sup> Porém, esta “*coabitação*” não é fácil de ser atingida, principalmente por não ser aceita pelo próprio colonizado.

A conquista de uma “*coabitação*” só foi possível, conforme aponta Fanon, pelas baionetas e canhões, ou seja, pela própria imposição da violência. Mesmo após a violenta conquista do território e do Colonizado, o Colono continua a utilizar a violência como o instrumento mais direto da dominação, o que é bastante significativo na medida em que, conforme aponta Fanon, o principal e legítimo interlocutor do sistema colonial é o soldado e o

---

<sup>11</sup> FANON, Frantz, *Peles Negras Máscaras Brancas*. Salvador, EDUFBA. 2008

<sup>12</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P. 52.

policial, ou seja, é a força e a violência que representa o colono frente ao colonizado, instaurando uma plena repressão. Assim, o Colonialismo é o “*regime da opressão*”.

Para Fanon, esta forma de dominação vigente nas regiões coloniais se difere significativamente do próprio modo de dominação que a população do país de origem do Colono está submetida. Enquanto que o colonizado está vivenciando uma “coabitação” imposta pela violência do sistema colonial e seus agentes repressivos, nos países europeus, “*entre o explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, conselheiros e desorientadores*”,<sup>13</sup> ou seja, a exploração da população europeia é camuflada por uma série de mecanismos.

A violência e a exploração são o meio e o fim para manter-se o sistema colonial, já que toda vez que o colonizado se manifesta, o Colono “*lhe aconselha com coronhadas ou napalm<sup>14</sup> que fique quieto*”.<sup>15</sup>

Mesmo com a afirmação de que a polícia e o exército seriam as principais comunicações e ferramentas de dominação do sistema colonial, Fanon também destaca, em pontos de sua obra, outros mecanismos e agentes de dominação do sistema colonial, entre eles está a Igreja Cristã. Por décadas, padres e outros agentes religiosos tiveram em missões no continente africano a função de corroborar com a constituição do colonizado enquanto um sujeito histórico subjugado.

Este processo é tão violento quanto o método da repressão policial, pois, assim como na ação dos agentes repressivos, as missões religiosas possuíam o intuito de demonizar as formas de vida diferentes das dos europeus, animalizando a vida do homem colonizado e impondo como a única forma de redenção a completa aceitação dos costumes e valores ocidentais. Deste modo, a violência também é empregada na dominação religiosa.

Porém, os agentes da repressão se tornam bastantes significativos para compreendermos o modo que Fanon define o mundo colonial, já que para ele, este regime da opressão e da violência existe para sustentar um mundo de interdições, ou um mundo compartimentado.

---

<sup>13</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 54

<sup>14</sup> Apesar de o Napalm estar mais associado à guerra do Vietnã (1966-71?), este armamento foi pela primeira vez utilizado em larga escala pelo exército francês diante de populações camponesas do interior argelino.

<sup>15</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 54-55.



Para Fanon, o colonialismo divide a sociedade em duas, já que vão existir deliberadamente ou até institucionalmente a divisão entre as regiões que devem ser frequentadas pelos “indígenas” e as regiões dos “europeus”. Neste sentido, encontramos no mundo colonial cidades para indígenas e cidades para europeus, assim como escolas, hospitais, transportes, entre outras formas de serviços públicos ou privados.

Sendo assim, o regime sul-africano do Apartheid se torna, para Frantz Fanon, um sistema paradigmático para a compreensão do mundo colonial, mesmo sendo a África do Sul um país independente desde a década de 1910, mas que não superou a sua estrutura colonial<sup>16</sup>.

A divisão do mundo colonial em dois é constituída literalmente por fronteiras bem delimitadas por postos de checagem, muros e postos policiais, em que a circulação dos indivíduos dessa sociedade (principalmente o colonizado) é controlada e regulamentada pelo Estado Colonialista.

Desta forma, as regiões habitadas pelo Colono e pelo Colonizado são bastante distintas, e Fanon deixa isso bem claro ao definir cada uma delas. Para Fanon a cidade do colono europeu é:

uma cidade sólida, toda de pedra e ferro. É uma cidade iluminada, asfaltada, onde as latas de lixo transbordam sempre de restos desconhecidos, nunca vistos, nem mesmo sonhados. Os pés do colono nunca se mostram, exceto talvez no mar, mas nunca se está bastante próximo deles. Pés protegidos por sapatos fortes, enquanto as ruas da cidade são limpas, lisas, sem buracos, sem pedriscos. A cidade do colono é uma cidade empanturrada, preguiçosa, seu ventre está sempre cheio de coisas boas. A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiros.<sup>17</sup>

Enquanto que a cidade do colonizado:

(...), ou pelo menos a cidade do indígena, a aldeia negra, a Medina, a reserva é um lugar mal afamado, povoado por homens mal afamados. Ali, nasce-se em qualquer lugar, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer lugar, de qualquer coisa. É um mundo sem intervalos, os homens se apertam uns contra os outros, as cabanas umas contra as outras. A cidade

---

<sup>16</sup> Veremos mais para frente que para Fanon o rompimento com o colonialismo deve ser completo, por isso que a África do Sul, mesmo com a independência não só não conseguiu superar a estrutura de dominação colonialista, como também aperfeiçoou tal sistema de dominação.

<sup>17</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 55.

do colonizado é uma cidade faminta, esfomeada de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade agachada, uma cidade de joelhos, uma cidade prostrada. É uma cidade de pretos, de “turcos”.<sup>18</sup> (p. 55-56)

Podemos observar que Fanon apresenta as duas territorialidades da colonização (a cidade do colono e a cidade do colonizado) como sendo completamente oposta, principalmente no que diz respeito ao acesso de bens para suprimir necessidades, como os alimentos, ou até mesmo os sapatos. Mas essa cisão entre as duas distintas cidades também possui um caráter “racial” já que a segregação também está entre brancos estrangeiros e negros nativos.

Porém, para Fanon essa cisão entre o colono e o indígena é ainda mais profunda, indo além de uma segregação física da espacialidade. Na construção da relação de dominação entre o poder colonial e as populações nativas ocorre um tratamento particular daqueles que são dominados, já que o Colono encara e trata o indígena como se esse fosse um “*mal absoluto*”, desprovido de valores éticos ou morais. Para o Colono, o colonizado seria quase que um animal.

Segundo Fanon, aos olhos do colono:

Não basta afirmar que os valores desertaram, ou melhor ainda, nunca habitaram, o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável à ética. Ausência de valores, e também negação dos valores. Ele é, ousemos dizer, o inimigo dos valores. (...) Elemento corrosivo, destruindo tudo de que se aproxima, elemento deformante, desfigurando tudo o que se refere à estética ou à moral, depositário de forças malélicas, instrumento inconsciente e irrecuperável de forças cegas.<sup>19</sup>

Nesse sentido ocorre um discurso de superioridade ocidental com o intuito de destruir as referências do mundo do colonizado, na mesma medida em que o colono busca impor os seus valores e a cultura ocidentais, com uma bandeira de universalidade, ou seja, a sociedade do colono se coloca como sendo universal, única e suprema forma de sociedade humana e com o dever de impor tais posicionamentos para o restante da humanidade que supostamente viveria na barbárie.

---

<sup>18</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 55-56.

<sup>19</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 58.

Todavia, Fanon destaca que ao ser tratado de tal maneira, o que ocorre com o colonizado é justamente o contrário, pois é privado de sua própria humanidade, ainda mais que tais valores humanistas e universalistas como a Liberdade e a Igualdade são impostos pela pura violência da repressão e da segregação.

A imposição violenta de valores ocidentais e práticas sociais de exploração e segregação possuem, segundo Fanon, o intuito de produzir uma dominação ainda mais ampla do homem colonizado, atingindo também uma dominação psíquica dos indígenas.

A prática da violência é utilizada e manifestada abertamente com o intuito de levar aos cérebros dos colonizados a sua suposta inferioridade frente ao colono. Os anos de dominação violenta (seja na segregação ou na exploração) faz com que os colonizados passem aos poucos a não reagir a dominação a que estão sujeitos, se submetendo com mais facilidade ao poder do Colono. Alguns indígenas chegam a negar completamente a sua própria humanidade e passam para o lado do Colono, assumindo a sua postura e as suas práticas de dominação.

Fanon demonstra essa dominação ao analisar sonhos dos homens colonizados, já que ao ser socialmente educado a não reagir frente a dominação e violência do colono, o nativo passa a ter “*sonhos musculares, sonhos de ação, sonhos agressivos*”<sup>20</sup>. Estes sonhos agitados seriam uma primeira forma do colonizado elaborar a sua libertação, em que mesmo não reagindo acordado, “*durante a colonização, o colonizado não para de libertar-se entre as nove horas da noite e as seis da manhã*”<sup>21</sup>

Mesmo com todo o aparato de dominação e repressão, para Fanon, não existe a possibilidade de esses dois homens viverem juntos. A completa segregação e a violência produzem um efeito contrário para a dominação colonial, que ao configurarem dois homens distintos faz com que o homem colonizado busque a sua própria humanidade e passe a ter como a sua necessidade primeira e obrigatória uma completa transformação deste mundo que só pode ser pensada a partir da expulsão do Colono, de um processo de descolonização e independência.

---

<sup>20</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 69.

<sup>21</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 69.

## **Descolonização e Independência: a superação do mundo colonizado.**

“explodir o mundo colonial é doravante uma imagem de ação muito clara, muito compreensível e que pode ser retomada por cada um dos indivíduos que constituem o povo colonizado.”<sup>22</sup>

Fanon, ao problematizar a vida do homem colonizado frente ao sistema colonial, também deixa claro qual é o seu posicionamento frente ao modo que este sistema da violência pode e deve ser superado. Para Fanon, a única forma de superar a violência do colonialismo é utilizando-se também da violência.

A via armada e o confronto direto com o colono seria o único modo de superar a dominação ocidental e construir um mundo em que se respeitasse a humanidade do indígena.

Porém, essa postura de Fanon é muitas vezes criticada, principalmente por intelectuais ocidentais, que o colocam como sendo muito radical. Entre os críticos de Fanon está Bourdieu, que considerava Fanon irresponsável em sua fala, o que lhe tornaria responsável pela violência da colônia argelina, ou nas palavras do próprio Bourdieu:

Aquilo que Fanon diz não corresponde à realidade. É até perigoso fazer os argelinos acreditarem nas coisas que ele afirma. Isso só iria entretê-los com utopias e ilusões. Eu acho que esses homens [Sartre e Fanon] contribuíram para transformar a Argélia naquilo que ela se tornou [...]. Os textos de Fanon e de Sartre são assustadores por sua irresponsabilidade.  
<sup>23</sup>

De qualquer modo, Fanon encarava tais críticas com certo desdém. Sabia que seria criticado, ainda mais pelo ocidente que pregava sempre a negociação ao invés do conflito. Mas, Fanon sabia que essa percepção pacifista do ocidental era sempre algo no mínimo estrábica, já que era sustentada, e também justificava, a violenta imposição do ocidente frente ao restante do mundo.

De qualquer forma, Fanon dizia não escrever para o ocidente, ou muito menos espera ser compreendido pela população ocidental. Fanon escrevia para o seu povo, para os

---

<sup>22</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 57.

<sup>23</sup> Entrevista de Pierra Bourdieu com James Le Sueur, citada em : BURAWOY, Michael. *O marxismo encontra Bourdieu*. Campinas. Editora Unicamp. 2010. P. 107.

homens colonizados que vivenciavam a violência cotidianamente e que precisavam superar essa dominação bárbara transvestida de humanista. Como diz Sartre:

“A Fanon, pouco importa que vocês [europeus] leiam ou não a sua obra, é aos seus irmãos que ele denuncia as nossas velhas astúcias, certo de que elas se esgotaram. É aos seus irmãos que ele diz: a Europa botou as patas sobre os nossos continentes; é preciso feri-las até que ela as retire”<sup>24</sup>.

Para Fanon a única forma de o homem colonizado construir o seu mundo seria com uma plena expulsão do colono e de seu sistema de dominação. Não haveria meio termo. O processo de descolonização dos países africanos e asiáticos deveria ser um processo de substituição total, com a saída do colono e uma efetiva entrada do colonizado.

É importante resaltar que para Fanon este processo seria realizado sem qualquer forma de transição, em que o colono não poderia participar. O colono seria uma pessoa incapaz de entender a necessidade da descolonização, já que a sua essência seria a própria colonização, ou seja, só há colono quando existe um sistema colonial para sustentá-lo.

A possibilidade de uma descolonização e independência da Colônia é algo que aterroriza o Colono, por isso ele não poderia participar e aceitar tal processo. Nesse sentido, a descolonização não pode ser um “*entendimento amigável*” entre o Colono e o Colonizado, já que o fim do mundo colonial não seria a construção de pontes ou a abolição das fronteiras entre as zonas dos estrangeiros e dos indígenas, mas sim a completa abolição de uma zona “*enterrá-la no mais profundo do solo ou expulsá-la do território*”.<sup>25</sup>

Caberia apenas aos homens colonizados construir todo um Estado novo, que possuísse toda uma nova diplomacia, orientação política e econômica. Essa construção de um novo mundo só seria possível a partir do próprio processo descolonização, já que é nesse processo de descolonização que ocorre uma transformação do ser colonizado, em que espectadores reprimidos se tornam os atores principais e privilegiados de seu próprio processo histórico.

A partir do momento que o colonizado busca a sua independência, este deixa de ser uma “*coisa*” do colono para se tornar efetivamente um homem que faz a sua própria história. É

---

<sup>24</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Prefácio*, in: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 29.

<sup>25</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 57.

interessante como, para Fanon, a consciência política do homem Colonizado se edifica a partir da sua própria participação na libertação, numa construção conjunta, e liberando uma angustia que existe dentro de si.

Fanon adquire essa perspectiva a partir da sua participação na Frente de Libertação Nacional da Argélia, demonstrando uma postura distinta daquela que possui em *Peles negras, máscaras brancas*, na qual para o autor “a desalienação efetiva do homem preto vincula-se ao reconhecimento imediato das realidades sociais e econômicas.”<sup>26</sup>

Porém, em *Os condenados da terra*, para atingir tal ponto de libertação é necessária derrubar todo e qualquer obstáculo, e para isso é preciso utilizar a violência. Se em *Peles negras, máscaras brancas*, Fanon se preocupa em problematizar a dominação racial na França, em *Os condenados da terra*, o autor busca as formas de superar essa dominação nas colônias, e para ele é apenas com a violência que seria possível realizar uma completa inversão da ordem, em que os dominados se tornariam os donos da história.

Neste sentido, a percepção revolucionária de Fanon entra em conflito com as percepções marxistas hegemônicas acerca dos processos revolucionários, já que para Fanon o grande sujeito histórico capaz de levar adiante na Argélia uma nova ordem seriam os camponeses argelinos e não os operários, conforme grande parte dos Partidos Comunistas declaravam na época.

Para Fanon, apenas os camponeses teriam esse ímpeto revolucionário, já que não possuíam nada a perder, enquanto que os operários argelinos já estariam integrados ao mundo colonial, com ganhos e bens materiais que os fariam negar a possibilidade de uma nova ordem efetiva, deixando em aberto apenas uma pequena abertura e mudança política. Apenas os camponeses estariam dispostos a quebrar a ordem do mundo colonial.

Com a descolonização querendo mudar a ordem de um mundo, construindo uma nova ordem, neste sentido, o seu programa seria o da “*desordem absoluta*.” Mas o que seria para Fanon esta nova sociedade a ser construída por um novo homem descolonizado e independente?

---

<sup>26</sup> FANON, Frantz, *Peles Negras Máscaras Brancas*. Salvador, EDUFBA. 2008

## Revolução e contrarrevolução: a construção de uma nova ordem

“a ‘coisa’ colonizada se torna homem no processo mesmo pelo qual ela se liberta”<sup>27</sup>

Na construção de um novo mundo para o homem colonizado, Fanon tinha claro quais eram as possibilidades que estavam em jogo, já que a expulsão do Colono não levaria necessariamente os indígenas à uma sociedade que respeitasse e fosse constituída pelos seus próprios valores e humanidade.

O processo de descolonização dos países africanos e asiáticos também poderiam possuir sabotadores internos, que eram constituídos principalmente pelos “*intelectuais colonizados*”, que, durante a luta dos povos colonizados pela sua independência, vão buscar realizar um diálogo e uma saída negociada para o confronto entre as forças coloniais e aqueles que são explorados por essa força, reivindicando variantes nas petições que se apresentam como motivações obscuras. Ao seguir o ocidente em seu valor abstrato de humanidade (que impõe a violência na prática), o “*intelectual colonizado*” busca a paz entre o colono e o indígena.

Todavia, conforme aponta Fanon, este intelectual não se atenta ao fato de que o colono só possui interesse na Colônia quando se constitui uma relação de dominação e que a exploração do colonizado é o seu único propósito. Sendo assim, no instante em que essa relação de poder é desconstruída, o europeu abandona a Colônia a sua própria sorte.

Mesmo após a conquista da independência pelos países colonizados, com a expulsão ou fuga dos colonos, os perigos de uma sociedade ocidental não ficam totalmente descartados, já que os intelectuais colonizados podem tentar constituir uma sociedade esquizofrênica em que se busca um diálogo com a população local ao mesmo tempo em que se tem introjetado em suas percepções de mundo, parâmetros da vida ocidental.

Conforme Reiland Rabaka<sup>28</sup> ressalta, para Frantz Fanon, a constituição de uma nova sociedade não poderia ter parâmetros eurocêntricos, ou seja, não poderia se basear na

---

<sup>27</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P. 53.

<sup>28</sup> RABAKA, Reiland. *Africana Critical Theory: reconstructing the black radical tradition, from W. E. B. du Bois, and C.L.R. James to Frantz Fanon and Amilcar Cabral*. Plymouth, Lexington Books, 2010, p 187.

experiência histórica da Europa, mas sim, se constituir a partir de suas próprias experiências locais.

A percepção ocidental da vida, introjetada em “*intelectuais colonizados*”, torna-se um perigo para a constituição de uma nova ordem, já que possui uma visão de sociedade que deveria ser feita por indivíduos separados, cada qual com a sua própria subjetividade. Porém, esta percepção não daria conta da complexidade das sociedades africanas e asiáticas.

Com o poder em suas mãos, os intelectuais poderiam promover uma regressão no processo de independência, promovendo socialmente valores dos colonos, como é o caso da disciplina, da especialidade, ou da divisão de áreas, que acabam com profundidade do processo de luta realizado pela descolonização.

Deste modo, muitos destes intelectuais vão continuar um processo de dominação e exploração da população local em que “*sobem na vida através de negociatas e roubos legais*”,<sup>29</sup> promovendo a nacionalização da riqueza para uma elite local, pilhando os recursos nacionais em relações de importação-exportação ou em privilégios. Um processo que vai promover a miséria nacional.

Neste sentido, Fanon aponta para o perigo de ocorrer uma falsa descolonização, principalmente devido ao voluntarismo cego de partidos políticos e as elites intelectuais ou comerciais que buscam se posicionar quando as condições históricas e teóricas estão maduras para o processo de libertação.

Esta falsa descolonização se desenvolveria principalmente devido ao viés eleitoreiro dos partidos políticos, em que muitas vezes apresentam apenas uma “*sequência de dissertações filosóficas-políticas sobre direitos dos homens*”<sup>30</sup>, mas não percebem que estas questões são ocidentais, assim como as suas posições pacifistas e legalistas.

Esse posicionamento de uma descolonização (que seria falsa, segundo Fanon), que não seria preciso utilizar da violência, demonstraria o quanto tais partidos locais são partidos da ordem e não possuiriam um compromisso com a derrubada do sistema, apenas por uma troca de poder. Por outro lado, se tais partidos são reformistas nas atitudes, em seus discursos e palavras são violentos, propondo uma completa transformação da vida.

---

<sup>29</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 65.

<sup>30</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 76.



Todavia, tais discursos são falsos, já que quando conduzem o processo de descolonização, ao chegarem ao poder o máximo que conseguiriam fazer são meras discussões acerca da administração, representação, ou ainda acerca da liberdade de imprensa, sem realizar um completo rompimento com a lógica internacional do imperialismo.

Isso não quer dizer que tais intelectuais e partidos deveriam estar ausentes do processo de descolonização, ou até serem expulsos da Colônia junto dos colonos. Para Fanon, tais intelectuais são fundamentais na construção da nova ordem, mas apenas a partir do momento que conseguem se libertar da sua colonização mental. E é no próprio processo de luta, ao lado do povo colonizado, que o intelectual consegue entender por qual sociedade está lutando, já que vivencia as principais questões da população local e a sua verdadeira humanidade.

Em última instância, o debate proposto por Fanon entre os possíveis caminhos que poderiam ser traçados pela Argélia e todo o mundo colonial estaria entre as alternativas do socialismo ou a barbárie,<sup>31</sup> sendo que a barbárie seria tanto a manutenção da ordem colonial, ou a alternativa de uma construção de sociedade pautada na burguesia nacional colonizada, enquanto que a alternativa socialista seria aquela desejada por Fanon e também por parte da população (principalmente camponeses) que queriam construir uma nova sociedade.

Na construção de uma nova sociedade, ou de uma nova ordem, Fanon nos traz indícios de que esta deve ser baseada na defesa das instituições africanas (como os *djemaas*), em que a tradição estabelece que os problemas sociais devessem ser debatidos por todos da comunidade e em locais públicos, criando a sua própria “*luz e razão*”.

A experiência de tal sociedade seria constituída a partir da própria tradição local, como as assembleias de aldeias, comissões do povo, ou ainda reuniões de bairro, em que o problema de um é entendido como o problema de todos, mas esse todo se torna o nacional e não mais uma série de grupos tribais distintos.

Fanon nos indica que o grande defeito do mundo ocidental e de uma sociedade construída por intelectuais colonizados seria que estes “*não vê[em] o tempo todo, o*

---

<sup>31</sup> URAWOY, Michael. *O marxismo encontra Bourdieu*. Campinas. Editora Unicamp. 2010. P. 119.

*todo*<sup>32</sup>, ou seja, para se construir uma nova ordem, é necessário um percepção de totalidade da sociedade a todo instante, e não percepções ou preocupações pontuais, ou específicas.

Neste sentido, aquele que possuiria a melhor percepção das posições globais seria o próprio povo que participa do processo de independência, já que as suas preocupações primárias envolvem a terra e o pão: “*o que fazer para ter terra e pão*”<sup>33</sup>. Desta forma, para Fanon, este seria “*o modelo operatório mais enriquecedor e mais eficaz*”<sup>34</sup> (p. 67), apesar de aos olhos ocidentais parecer algo simples.

De imediato, o processo de independência se torna uma reparação moral e consagra a dignidade do homem colonizado. Porém, a sociedade a ser construída continua em aberto, já que os homens colonizados, agora independentes, ainda não tiveram o tempo para se construir e afirmar os seus valores. Frente às múltiplas necessidades dessa nova sociedade, de construir ou reconstruir o transporte, a estrutura produtiva e o próprio exército, é comum estes novos países buscarem ajuda externa de todos os lados.

Em um contexto de Guerra Fria, os países coloniais que se tornavam independentes, aponta Fanon, propunha colaborações tanto com o bloco Capitalista, como também com o Socialista, mantendo uma postura de neutralidade. Porém, essa neutralidade, segundo Fanon, é danosa, já que pode tornar estes países dependentes novamente.

Para Fanon, os novos países independentes deveriam se posicionar e construir uma sociedade socialista própria, encarando os seus próprios problemas e entendendo que “*a vida é um combate interminável*”<sup>35</sup>, em que a descolonização e a independência são apenas o primeiro passo de uma longa luta, já que depois da libertação a luta se torna contra a miséria, o analfabetismo e o subdesenvolvimento. É preciso entender e encarar tais problemas do mesmo modo que os problemas do colonialismo eram enfrentados.

---

<sup>32</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 67.

<sup>33</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 67.

<sup>34</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 67.

<sup>35</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 111.

## Referências

- ALESSANDRINI, Anthony C. **Frantz Fanon: critical perspectives**. Londres: Routledge, 1999.
- BULHAN, Hussein. **Frantz Fanon and the psychology of the oppression**. Nova Iorque: Plenum Press, 1985.
- BURAWOY, Michael. **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas. Unicamp. 2010.
- FANON, Frantz, **Peles negras máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA. 2008
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra. **Novos Estudos – CEBRAP**. 2008, nº 81, p. 99-114.
- RABAKA, Reiland. *Africana critical theory: reconstructing the black radical tradition*. In: W. E. B. du Bois, and C.L.R. **James to Frantz Fanon and Amilcar Cabral**. Plymouth: Lexington Books, 2010.
- SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Fanon e o ativismo político-cultural negro no Brasil: 1960/1980. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro). 2013, v. 26, n. 52, p. 369-390.